

QUINTA-FEIRA  
Lisboa -- 25 de Novembro - 1926

5 TOSTÕES



sempre  
**fixe** semanário  
humorístico

20

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFFICINAS**  
TEL. T. 195  
RUA DA ROSA, 5

# O NOVO REGULO DE ANGOL



Uma consagração oportuna



# Os ditos da semana



Nos países scandinavos, os abolicionistas do alcool ficaram vencidos. E acaba a lei seca.

Cá .. tambem acabou a lei seca, que era uma coisa que existia só para dar exemplo á Noruega.

Agora só é proibido vender alcool a menores, a menos que eles vão acompanhados com os pais. Com um pai ao lado, um petiz que promete pode adquirir a aguardente que quizer.

Este processo de lei seca é das coisas mais curiosas que havia lá fóra para se beber á tripa fórra.

Um amigo nosso embarcou uma vez em Antuerpia para Estocolmo. Fazia frio. No navio pretendeu ingerir uns goles de «Old Gin».

Foi-lhe vedado por um escandinavo, que estava a cair de borracho.

Chegado ao almejado porto de desembarque, quiz comprar, para uso externo, uma garrafa de «whisky».

— Não senhor! Garrafas de alcool é proibido vender pela nossa lei, que os estrangeiros teem de respeitar.

— Mas... aquele homem que ali está não se embriagou com agua.

— Não senhor. Mas comprou avulso, aos litros. Se o senhor traz uma vazinha, vende-se o que quizer, de um litro para cima.

E' assim a lei seca lá fóra, com excepção dos Estados Unidos, onde as bebedeiras são todas adquiridas legalmente com alcool de madeira.

Um borracho uma vez foi

## A' saída da escola



— Vamos Mariazinha: conta pelos dedos a idade da tua irmã.  
— Não mamã, a idade das mulheres nunca se sabe ao certo...

preso e conduzido para o Governo Civil.

Aqui, passou a noite a dormir, espantosamente feliz. De manhã pediu para ser posto em liberdade... para beber agua.

— Tenho a bôca seca! Os senhores não sabem o que é ter a bôca seca. Só conheço uma coisa pior do que esta: é a lei seca...



Ha pessoas que ás vezes acertam. Na politica, nas artes, no comercio, na vida emfim. Acertam uma vez e ficam consagrados. Acertar é «ca-lhar». Depois é difficil desalojá-los, e ninguem cura de saber como foi adquirida a reputação.

Ora ha dias, numa repartição de gabinete, estavam umas vinte pessoas blasonando dos seus magnificos negocios.

Nisto, cronometricamente, caiu o balão do Arsenal. Tocou o apito. Meio dia em ponto.

Todos puxaram dos seus relogios.

Um, tinha o relógio atrazado um minuto, outro adiantado dois minutos, outro atrazado trinta segundos, outro escutava com o relógio ao ouvido, a certificar-se, e confessava que estava adiantado.

Só um dos presentes, que não tinha esboçado o elogio da sua maquina, puxa o relógio, como os outros, e verifica que o seu relógio — estava certissimo.

— E' verdade! Meio dia! E não é uma marca boa.

— Não é. Mas está certo. E vejam—continua certo.

E' que o relógio, o seu certissimo relógio — estava parado. Parado nas horas certas.



— Aquele sujeito gaba-se de ninguem o intrujar; possui uma reputação de espertissimo, mas eu um dia... dou-lhe um cheque.

— Isso dás tu.

— Dou-lhe um cheque na reputação. A questão é vocês ateimarem muito comigo.

## DR. BELO MORAIS



F. Valença

O Governo autorisando-o a consagrar-se durante seis mezes a publicação dos seus estudos fez a felicidade dos cangalheiros... Privados da sciencia do «Divino Mestre», será in calculavel o numero dos seus doentes que num semestre irão desta para melhor

Combieou-se a experiencia. O nosso homem chegou-se ao pé do cauteloso cidadão, que dispunha de grossos cabedais e de larga visão, e expõe um negocio de mão cheia. Lucros a par. Tratava-se de comprar imediatamente um predio que alguém, com a corda na garganta, precisava de vender imediatamente.

— E' preciso ir já. Ora eu não disponho senão de X. Falta-me tanto...

O outro pensou e interrogou:

— Quanto se ganha?

— Trezentos por cento em três dias.

— E que garantias dá você?

— A sua conhecida esperteza nesses negocios. Você, desde que se feche a compra, trata logo da venda, que é coisa que eu não sei fazer.

O outro ainda hesitou, mas o negocio era certo...

E metendo a mão no bolso, puxou de um caderno, preencheu e deu-lhe um cheque da importancia requerida.

A' noite, no clube, alguém lhe disse:

— Então o seu amigo X deu-lhe hoje um cheque, hein?

— Perdão... Quem lh'o deu fui eu.

— Pois por isso mesmo.

Claro que o vencedor da aposta, que é um homem muito sério, descontou o papel, mas honestamente contou a historia, e prepara-se para reembolsar o capitalista logo que apareça um predio para comprar nas condições mencionadas.

## Interrogação



— Diz que gosta de mim. Mas como pode ele gostar se ainda não provou...

# Cem anos de perdão...

## Quadras á guitarra

Rouba, á flôr, a mariposa  
as lindas côr's que contem,  
rouba a estrela mais formosa  
o lindo olhar do meu bem.

Rouba ao céu a linda côr,  
o mar, que beija as areias,  
e, á terra, o cavador  
rouba a semente ás mãos cheias.

Rouba o sol, fornalha d'ouro,  
o meu olhar, ao fitá-lo,  
e o luar—prata em tesouro—  
ai, quem me dera roubá-lo!...

Da mulher, astro galante,  
de o dizer, não tenho pejo,  
seréi ladrão no instante  
se lhe fór roubar um beijo...

E, assim, a minha terra  
tem tais riquezas sem pejo  
que se é crime não me aterra  
ter um dia que roubar.

E aproveito a ocasião  
para seguir o tal ditado...  
Ladrão num país ladrão  
merece ser perdoado.

### Estrilinho

P'las belezas fascinadas  
deste meu lindo país,  
se no tempo sou roubado,  
vivo nele mais feliz...

### Cristo Neto.

## Copenhagens extraordinarias



Que confusão de dinheiro!

Tudo de prata, corôas de estanho, patacos do níquel, centavos de cobre... Safa! que as notas do Engrola custavam menos a contar...

## E' MUITO "DENTRO"...

A proposito da sextilha anunciando a peça A Mouraria, lembra-nos a seguinte:

Quando fui á Mouraria,  
até me lembro que o dia  
era o da feira da Ladra;  
Por lá dentro ter entrado  
acordei estremunhado  
numa torimba da esquerda.

... e aliem que esta sextilha é muito mais dentro do que a outra...

## A NOVELA DO "FIXE"

# Jujú e a criada

Esta novela, já velha, conta-se de varias maneiras, o que, por tal, não impede de a descrever conforme a minha fantasia

Jujú era o petiz mais traquina deste mundo. Em casa mexia em tudo, escangalhava tudo e partia tudo, apesar da vigilancia da Encarnação, uma rapariga de 18 anos que os pais do Jujú mandaram vir da terra só para andar com ele e vigiá-lo como uma policia.

Raro era o dia em que o petiz não fazia em cacos a primeira coisa que lhe viesse á mão: pratos, chavenas, copos, enfim tudo quanto fosse quebravel.

A rapariga ateiçou-se ao petiz mais por dó do que por qualquer outro predicado, em face das duas ou três tarefas diarias que apanhava.

Jujú, na vespera de fazer anos, pediu ao pai que lhe comprasse um boi.

A mãe protestou, mas o pai, como era «aficionado», disse-lhe:

—Está de amanhã vou ao Grandela e compro-te um «Miura» de papelão.

—Ora, disse a mãe, mal empregado dinheiro!... Ele parte-o logo.

—Isso é que ele não parte. Se tal fizer, parto-lhe a cabeça!...

A criada viu logo, no presente de anos, uma enorme tarefa, representada pelo futuro boi e o pai para o Jujú:

—O menino não escangalha o boi, não? O menino já é um homensinho... Já tem juizo...

Ora, no dia seguinte, o pai cumpriu a promessa. Trouxe-lhe um boi em papelão, muito bem lançado, cabeça alta, num palavra: uma estampa de animal, mas não tardou uma loja de barbeiro que o petiz, a cavallo num pau de vassoura, não espetasse uma caneta da secretaria do pai no cachoço do boi, gritar que era um rojão á Cañero, sem offensa para o Simão filho, e Garcia Perez...

A criada appareceu a tempo de lhe evitar a primeira sova, por serem horas de o acompanhar no seu passeio da tarde, num dos talhões da Avenida.

Ali, com varios petizes, simulou logo uma tourada e, ao fazer uma pega, partiu as hastes do presente d'anos pela raiz.

—Ai, o menino, o que fez! Quem ha de ouvir o papá?!...

E a Encarnação começou logo a pensar a forma de livrar o Jujú da tarefa prometida pelo pai.

Mal chegou a casa, agarrou num tubo de cola-tudo e grudou-lhe as hastes.

Quando o pai chegou, tratou logo de averiguar o estado de saúde do boi e qual não foi o seu espanto quando viu que ele tinha as hastes voltadas para baixo.

—Olha lá, disse para a criada, isto

ou é confusão minha ou o boi não é o mesmo.

—E', sim senhor.

—Mas ele tinha os paus voltados para cima e, agora, tem-nos voltados para baixo.

—Eu lhe digo, disse a Encarnação, os paus partiram-se, mas o menino, assim que chegou, tratou logo de os pegar a seu modo... Não se zangue com ele, não?...

—Está bem, não me zangue porque é uma prova do raciocinio latente.

Desta vez, o Jujú ficou com uma tarefa a menos...

Ora acontece que, entre os presentes d'anos, appareceu uma bola de foot e vai ele, ao simular um goal pela porta da cosinha, partiu o melhor porta da cosinha, partiu o melhor do bico do bule do chá que estava em cima da mesa.

Como ninguem d'esse por tal, e como o pequeno tivesse visto a Encarnação a concertar o boi, foi buscar por sua vez o cola-tudo e grudou o bico pela mesma forma como a Encarnação colara as hastes do boi, isto é—para baixo...

A mãe, ao entrar na cosinha, estranhando o feitio do bule, observou:

—Mas o que é isto? Quem fez esta beleza?!

—Foi a Encarnação, desculpou-se o Jujú; foi a Encarnação que partiu o bule e, para a mamã não dar por isso, ela concertou-o.

—Mas o bico está para baixo!

E, gritando pela Encarnação, voçiferou:

—O' sua estupida!... Venha cá vêr a linda obra que fez!

No entretanto, o Jujú deu um segundo pontapé na bola, que enfiou pelo vidro dum oratorio, estilhaçando-o.

Uma Santa Barbara caiu do pedestal, a mãe gritava por S. Jeronimo e um menino Jesus nú que ela tinha em muita estimação partiu-se por determinado sitio.

A mãe do Jujú, aflita, ao vêr os escombros, exclamou:

—Ora a minha vida! Este rapaz é o diabo! Então não me partiu em pedaços o menino Jesus! O que dirá o teu pai!?

—Não diz nada, diz o petiz, foi só um bocadinho. A Encarnação concerta...

—Qual concerta, qual carapuça! Se ela o concertar tão bem como concertou os paus do boi e o bico do bule, estou arranjada!... Ela tem a mania de pôr tudo ao contrario!...

E, agarrando no cola-tudo, foi ela mesmo colar, como estava, o bocadinho partido do menino Jesus...

E o Jujú anda de cabeça atada, como um forçado saído da enfermaria do Campo Pequeno, porque o pai, para castigo, pregou-lhe com o toiro nas ventas.

Reporter B.

## OUVINDO UMA CIGARRA...

# COMO

## EU TE ENSINEI

### o que é o Amôr...

Preguntaste-me um dia o que era o Amôr. Lembras-te? Foi num bosque de buxo cortado á Garçonne—um bosque romantico como todos os que andam acostumados ao gorgear dos noivos e aos noivados dos rouxinóis...

A lua andava a esconder-se de envergonhada, atrás das nuvens, espreitando-te como quem não queria a coisa. Senti-te tão feliz—a felicidade é uma fonte inexgotavel de parvoíce—que cheguei a convencer-me de que a lua estava com ciumes de ti—por minha causa.

Quando me fizeste a pergunta mal penetráramos entre o arvoredo. Havia gente nos bancos e gente curiosa.

Respondi-te através dos filosofos, dos escritores, dos estadistas, do principe Seliman que o nosso amigo Dekobra inventou como um modelo do complicado, quando, na realidade, ha hoje exemplares muito mais interessantes e complexos.

Devo certamente ter trocado alguns nomes e algumas opinioes. Mas como tudo se perdeu ante o ciciar das ramarias, não ha nisto perigo de maior.

Alguns dos pensamentos com que te entonteci, lembro-os hoje tão bem que até os vou repetir:

—O Amôr é um taxi que fica toda a vida a contar.

—O Amôr é uma febre—uma febre cor de rosa.

—O Amôr, além duma excelente marca para drogas e perfumes, é sempre um bom titulo para um livro e, em certos casos, uma série de titulos e um livro de cheques para um noivo pobretão.

—O Amôr é a cocaína do coração—um cocainómano que se ri do sr. Ferreira do Amaral.

—O Amôr é como o camaleão: toma sempre a cor dos objectos sobre que exerce a sua actividade. Ha lá coisa mais linda do que fazer amôr com uma cachopa loira e branca como tul.

—O Amôr é exactamente o contrario dos dentes até quando doe sabo bem.

—O Amôr é uma maquina de fazer filhos, filhas e filhós.

—O Amôr é a quintessencia da felicidade—uma essencia que custa muito cara...

Quando te citei Rousseau, senti que um estranho arrepio me roçou a peto e que os nervos me pulavam como os negros do jazz-band.

Faltou o classico Chantecler que costuma cantar nestas occasioes. Mas uma cigarra bréjeira encarregou-se de sublinhar a acção.

E quando te disse uma das varias opinioes de Paul de Kock sobre o Amôr, embrenhara-me completamente no arvoredo e, mais alto que as nossas cabeças, havia um mar de buxos cortados á Garçonne...

Pelle Charleston.



## !! Não queira ficar assim !!

### USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO \$300

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

FOI nomeado commissario do governo junto do Teatro Nacional o nosso camarada Matos Sequeira, a quem Alves da Cunha oferece brevemente um almoço de homenagem.

Lino Ferreira encontra o crítico do *Diário da Tarde* e diz-lhe:

—Já começaste a dar dinheiro lá em baixo, no Nacional...

—Porquê?  
—Não te vai ser oferecido um almoço de homenagem?



O ACTOR Estevam Amarante adoeceu. Um colega, interessado pelas melhoras do artista:

—E se ele chamasse o *Dr. da Mula Ruca*!?



PROPOSITO do actor francês Vitry, que tem um grande repertorio de canções:

—Aquilo não é um Vitry: é um vitrola!



A *Pelica do Gato*, além do felino, tem um cão.

Previne-se o respeitavel publico



Mattos Sequeira: Bom appetite e optimos dentes para todos os almoços de homenagem

que os animais não mordem, nem arranham. Estão domesticados. Consta que fizeram um contrato com a empresa, pelo qual lhes está reservada a 15.ª representação daquela comedia.



Ante-lombada da novela «Mal pagada», de José Maria Carretero, o «Caballero Audaz», que custa cinco pesetas:

—José Maria (celebre bandido andaluz) está bien. Carretero (carroceiro) também está bien. Caballero no, pero audaz és. Precio cinco pesetas... está «bien pagada».

«Cancion de Cunaa» é uma peça de Martinez Sierra, já traduzida em português e na qual se entram mulheres.

Referindo-se ás inversões dos actores de certa companhia, dizia Benavente:

—Para haçeren «Caucion de Cunaa» estan bieno.

O Homem das 5 horas

## IMPRESSOES DE PRIMEIRA... FILA



D. AUZENDA NADJAKOWSKA ORLOFF D'OLIVEIRA (2º acto)

CARLOS RIBEIRO

UM CHARLESTON MUITÍSSIMO BEM SERVIDO... DE TUDO!

## CANÇÃO NACIONAL

## Os fados dos bairros

## O fado de Belem

## Mote

As airosas caravelas  
em Belem foram saudadas  
e mais as canoas belas  
do Antonio das Caldeiradas.

## Glosas

Belem pode orgulhar-se  
dos tempos que longe vão  
porque a historia ou a tradiçao  
nao se devem olvidar.

Para feitos sem ter par,  
para descobertas belas,  
sobre o mar, sob as procelas,  
de lá partiram, divinas,  
levando o pendão das quinas,  
as airosas caravelas.

Teve, depois, um vapor  
que girava, quasi a passo,  
entre o Terceiro do Paço  
e uma ponte com bolôr...  
Nos seus dias de esplendor  
teve testas coroadas,  
no seu palacio hospedadas,  
das mais remotas paragens,  
e outras grandes personagens  
em Belem foram saudadas.

Teve a perola das feiras  
Belem, no seu arcal,  
e o atractivo original  
do Café das Camareiras.  
Teve gaitas e sopcitas  
e meninas amarelas  
a comer iscas com elas,  
castanhas do Maranhão  
e, da Preta, o mezilhão  
e mais as canoas belas.

Sobya desse tempo belo,  
que passou quasi a galope,  
a farmacia do Xarope  
vulgo Conde de Restelo,  
Os Jeronimos, modelo  
nas artes estilicadas;  
nos pasteis, massas folhadas,  
no muscu coches reais  
e, por fim, arestos mortais...  
do Antonio das Caldeiradas.

José Barbosa.

No proximo numero:

## Fado do Poço do Bispo



--Dizem que o governo vai acabar  
com os condreiros, será verdade?  
--Então, que queres?... Só eles é  
que querem guilhotinar isto...

## AUSPICIOSA ESTREIA

Como se falsifica uma defeza  
dum réu falsificador

Aquele sr. dr. juiz que preside aos  
julgamentos dos chamados mixordei-  
ros é o que pode chamar-se um ma-  
gistrado fixe, salvo seja.

Reu que lá lhe appare.a acusado de  
falsificar leite já sabe que tem a  
advogá-lo, pela bagatela de 40 escu-  
dos, o nosso camarada Manuel Nunes,  
do *Diario de Lisboa*, um rapaz que  
até agora não ia além das amas da  
gente mamar, no tocante a leitarias.

Se em vez de leite, for manteiga o  
objecto do flagrante delicto, o juris-  
consulto escolhido é sempre o repor-  
ter do *Seculo*, como é o da *Epoca* o  
preferido para as adulterações das  
chulipas, e o da *Batalla* para os  
casos de regeneração social, por ho-  
mopatia deliquescente, e o Paulo  
Freire para questões de envenena-  
mento (intoxicações camilianas ou  
calculos propositadamente errados).

A tal ponto de habito chegou a ten-  
dencia do sr. dr. juiz por Manuel  
Nunes que no Tribunal dos Relaxa-  
dos (vulgo transgressões fiscaes),  
quando ele entra, logo nasce uma  
alma nova nos exploradores profissio-  
nais das vacas.

—Lá vem o leiteiro!—dizem uns.

—Lá vem o advogado do leite con-  
chado!—exclamam outros.

E logo o presidente para o bele-  
guim:

—Ha leite?

O funcionario apalpa o processo e,  
se a resposta é afirmativa, bumba!  
vai o *Diario de Lisboa* para a vaca-  
ria.

Até já dizem por ahi que o Manuel  
Nunes—por sinal um dos jornalistas  
mais honestos e mais capazes do nos-  
so tempo—vai montar por estes dias  
um consultorio só para as vacas que  
os mixordeiros desacreditam no tri-  
bunal.

Quando foi da estreia, o nosso ca-  
marada proferiu um discurso que a  
Protectora dos Animais vai distri-  
buir pelo país e do qual, por interes-  
sante, não resistimos á tentação de  
transcrever algumas passagens:

—Meus senhores!—exclamou—Tal  
qual na existencia das sociedades or-  
ganizadas, sem vacas não ha leite,  
sem leite não ha manteiga, sem man-  
teiga não ha queijo, sem queijo não  
ha conduto, sem conduto não ha po-  
vos que resistam aos impulsos brutais  
da sua evolução. Dêem-me uma va-  
ca! Dêem-me um leiteiro! Dêem-me  
duas bilhas! e eu lhes garanto que não,  
mais se verá por esse país além o es-  
pectaculo miseravel da falsificação dos  
mamiferos.

—Um homem que tenha uma mula,  
—proseguiu entusiasmado—é, quan-

do merito, um cidadão banal, sem in-  
fluencia alguma nos destinos da Ra-  
ça—dele, que não do animal—; um  
homem que disponha cuma vaca é,  
em todo o mundo e nos seus arredores,  
um marroeiro da civilização! Del-  
sem lá chamar bois aos maridos das  
vacas! Deixem lá rir de desdem os  
ignorantes da concupiscencia huma-  
na! Uma vaca ha de ser sempre uma  
vacca; o que já não acontece com a  
maioria dos bipedes. Tirem a farda  
a um polieia, e ficará um homem ape-  
nas! Tirem o emprego a um condu-  
tor dos electricos, e ficará um animal  
sómante! Tirem a pasta a um minis-  
tro, e ficará reduzido á expressao  
mais simples, um pobre operario sem  
trabalho!

«Não foi vaca o boi Apis? Não são  
vacas as choças das touradas? Não  
representam as vacas, em todos os  
tempos e em todos os lugares a ex-  
pressao mais sintematica do sustento  
que se faz esguicho para ser sintese,  
e se faz margarina para ser mantei-  
ga?»

«Ah! meus senhores! Ter uma lei-  
taria é ter em casa um ministerio!  
E estar de posse de um hiberon em  
que todos mamam sem deficit; é pos-  
suir, viva, animada, insofismavel, a  
prova provada da superioridade da  
nossa especie.

«Sim, sr. dr. juiz e minhas senho-  
ras! Uma mulher pode ser vaca, uma  
vacca não será mulher jamais!»

Entrando a matar nas conclusões:

«—Que o meu constituinte deitou  
agua no leite... Não está provado.  
Deitou mas foi leite na agua, o que  
não é crime previsto nos codigos. E  
não está a agua falsificada tambem?  
E não está falsificado tudo, desde os  
homens ao chouriço e desde as mu-  
lheres ás sogras, e desde as sogras ao  
restante da escala zoologica, que vai  
dos vermes á carcassa mastodontica  
da «pana» que Deus haja?»

O fecho:

«—Sr. dr. juiz: vistos os autos, eu  
entendo que o reu, se alguma conde-  
nação merece, é a de ser obrigado a  
indemnizar a vaca e a pagar-me a  
mim 40 escudos para o «O' tu que  
fumas» do meu jornal. *Fiat justitia*  
e tenho dito!»

\* \* \*

O reu, atendendo ao brilhantismo  
da defeza, foi condenado apenas a dar  
tudo quanto tinha e mais oito tostões  
para uma intenção particular dos srs.  
jurados.

## A' falecida IPANA

Já que morreste, IPANA, numa idade  
em que mostravas tanta intelligencia,  
tendo no faró ou tromba uma sciencia  
que é muito rara na Humanidade,

accita este meu preito de saudade  
p'la tua «enchabysada» corpulencia  
e porque foste, pela competencia,  
perito em notas... Rara qualidade!...

Saber quais eram «falsas», foi segredo  
que, p'r'o ALÉM, levaste na cachóla...  
Porque morreste, IPANA, assim tão cedo?

E' que podias ser a util mola  
p'ra distinguir naquele grande enrêdo  
as notas de quinhentos do «Engrola»!...

Ferro-Velho.

## LISBOA MONUMENTAL

Lisboa vai transformar-se. A ve-  
lha cidade dos becos tortuosos e sem  
saida vai alindar-se, vestir as melho-  
res galas para rivalizar e ate suplan-  
tar as grandes capitais do mundo.  
Lisboa vai meter Paris e Londres  
num chinele. Os mercados de horta-  
lça desaparecerão porque uma cida-  
de moderna não pode consentir, a  
dentro das suas portas, essa bodega  
de couves galegas e dos nabos saloios.

As antigas linhas de cintura trans-  
formar-se-hão em florestas virgens de  
arvores, com lagos imensos pelo meio  
e quiosques á Luis XV nas bordas,  
onde mulhersinhas vestidas a moda  
do Minho assarão castanhas em as-  
sadores de estilo manuelino.

Os vapores de Cacilhas entrarão  
pelo Terceiro do Paço, subirão a rua  
Augusta e virão desembarcar na  
Brasileira ao Rossio os passageiros  
políticos do sul que desejarem castan-  
ha sem ter de ir á floresta de cin-  
tura.

O Parque Eduardo VII rebocar-se-  
ha para a Praça dos Restauradores,  
atendendo a que já está despido de  
arvores e tem espaço bastante para  
a Carris estabelecer um carrodromo  
para corridas de electricos.

Uma extensa e larga avenida liga-  
rá Rossio com a Ajuda, deitando-se  
abaixo os edificios da Estação Cen-  
tral, da Misericordia, do Conservato-  
rio, do *Seculo*, o palacio das Côrtes,  
os museus das Janelas Verdes e dos  
Coches e o Palacio de Belem—inutili-  
dades sem applicação pratica nenhu-  
ma—terminando por uma ampla Ro-  
tunda, porque a do alto da Avenida  
já não pode com tanto serviço.

Entre o Castelo e o Terceiro do Pa-  
ço estabelecer-se-hão ligações aereas  
por meio de cabines-projecteis, dentro  
dos quais se venderá capilé, estampil-  
has e algodão hidrofilo.

O Arsenal do Marinha, a fim de  
alargar a Rua do Arsenal, transferir-  
se-ha para a Outra Banda... da rua.

Sobre os telhados dos predios das  
Avenidas Novas construir-se-hão gran-  
des reservatorios para recolher a  
agua das chuvas, já que o Alviela e  
o sr. Carlos Pereira costumam fazer-  
se esquerdos.

Em todas as praças publicas se er-  
guerão estatuas das grandes figuras  
nacionais, tais como Afonso Henri-  
ques, Vasco da Gama, João das Ro-  
gras e Ricardo Jorge Filho.

Os gatunos serão providos de con-  
tadores apropriados a fim de, quan-  
do chegarem ao outro mundo, o Pa-  
dre Eterno lhes poder exigir as car-  
teiras e os relógios que a policia nun-  
ca lhes esgiiu.

No Chiado deitar-se-hão abaixo três  
quarteirões e, em seu lugar, abrir-se-  
ha uma parada imensa onde a poli-  
cia possa fazer entrega das batutas  
de honra aos regentes da sua banda.

O empedrado das ruas tar-se-ha a  
marmore de Carrara. A illuminação  
publica decuplicará, collocando-se  
*abat-jours* de renda em todos os can-  
deiros.

As carroças de lixo nunca mais re-  
colherão scão objectos em bom uso  
e alimentos em bom estado de conser-  
vação para evitar o mau cheiro das  
carroças, alimentando-se as bestas a  
rô de arroz e agua de Colovia, por  
causa das consequencias, etc.

E para salvar as raparigas, man-  
dar-se-hão para os Açores todos os  
rapazes de 17 a 25 anos. Fechar-se-  
hão os clubes e vestir-se-ha um fado  
de banho ao Amor de Patria do fron-  
tão, a ver se a agua fria evita que  
se ponha com tesuras.

## ANEDOTAS E DITOS DO humorista espanhol Luiz Estezo

—Passageiro ao condutor do eléctrico:

—Pára no Ritz?  
—Com o que a Companhia me paga como que o senhor que eu pare no Ritz?

\* \* \*

Quando partir algum prato é melhor vir-m'o confessar.

—Então hei-de estar a deixar a cosinha a cada instante?

\* \* \*

—Não desperdices pão. Come-o, porque algum dia podes vir a necessitá-lo e não o teres.

—E se o como agora, como o hei-de ter eu no dia em que o necessite?

\* \* \*

—Queres um exemplo do capital e do trabalho? Ah! vai: emprestando-te eu cem pesetas, estas representam o capital...

—Já sei, e o trabalho seria para ti o recebê-las.

\* \* \*

—Em que mês falam menos as mulheres?

—Em Fevereiro.

\* \* \*

—E' criada há muito tempo?

—Ha seis meses.  
—Pode trazer-me atestados de bom comportamento?

—Ora essa, mais de trinta!

\* \* \*

Ao domador, vendo que não entra ninguém no circo:

—Não terão um dia as feras que o comer a si?

—Não senhor, a continuar assim, quem vai ter que comer as feras sou eu.

\* \* \*

—Se dá de beber a seu marido outra coisa que não seja agua, mata-o.

—E se lhe der agua é ele que me mata a mim.

\* \* \*

A mulher:

—Parece-me que temas ladrões em casa. Estás acordado?

O marido:

—Não.

\* \* \*

—Reduziram-me dez por cento do ordenado.

—Deixa. A modista prometeu reduzir-me vinte por cento se gasto mais de mil pesetas por mês.

\* \* \*

—Minha mulher não faz mais que pedir-me dinheiro.

—E que faz ela com tanto dinheiro?

—Não faz mais que pedir-me, porque eu não lh'o dou.

\* \* \*

—Como é nova em casa, saiba que tomamos o primeiro almoço ás oito.

—Muito bem. Se eu não acordar a tempo, não esperem por mim.

\* \* \*

—Conhece os acusados? E' verdade que são irmãos?

—Sim, senhor, são ambos irmãos.

\* \* \*

—Diga quando me paga para não vir todos os dias da semana.

—Quando lhe convem mais?

—Sabado.

—Então venha todos os sabados.

Pel: tradução,

Perez-Lachaise

## SAL E PIMENTA

# Idílio num quinto andar

## O que se vê da rua...

Foi com gaudío de *Sempre fixe* que na sexta feira subimos os pavimentos do Politeama, do nosso querido e considerado Luis Pereira, para apanharmos um *Idílio num quinto andar*. No segundo, e principalmente no terceiro, a libertinagem, que se tinham esquecido de prender, saltava ás canelas. Não corre damno de maior por as haver fortes e resistentes, apesar de ser em dia de jejum.

Com effeito, lá estava um *Idílio* que viera de Paris, soffreara-se pelo caminho do Madrid e vinham acabar com ele em Lisboa. Não se evita o destino. Bem vendo que aquilo não era cá desta terra e contristados ante a ascensão a tão alto daquela boa gente, muito embora o nosso coração, sem invejas, goste de que todos subam ainda mais, só ficámos socegados quando caiu o pano de todo, remetendo-o assim ao seu competente lugar.

O *Idílio* perpetrrou-se, acabando com muitas dadivas para não deixar saudades. O amor de Maria é João (Hilda Stiehini e Raul de Carvalho), *boémia* sem musica mas com capinhas dependuradas, é o que os parisienses classificam de *collage*, e passar-se-hia para amigação, mesmo pelo registo dos dicionarios, se traduzir ainda fosse, meramente, verter as palavras duma lingua em outra como, respeitando o senso e a propriedade, os lexicones ensinam.

O que vale é que o sr. de Varigneu (Alexandre de Azevedo) sabe, por fim, respeitar as inclinações filiais e as meninas estudiosas, como um retardado domjoão de rua e pai nobre de salão á hora dos fioreos. E', por isso, que todos eles descem do quinto, sem inconvenientes para os cheques do sr. de Varigneu, que avança nos

francos como quem joga na baixa.

O que seria de Maria se não houvesse essa distribuição de cheques, de milhares de francos, ainda na alta? O pior é que ela terá de tirar muitos para gorgetear o *senhor criado* que a iniciou nos afrosidiacos bosques sentimentais do patrão. As liquidações com o agiota é que vão ser, mas como se passam longe da rossa vista e o *Idílio* ficou findo, não nos importamos com essas confusões diferentes dos Gobelins verdadeiros a rirem-se de todas as ingenitas e fundamentais ilusões do teatro.

Temos de procurar no quinto andar a Maria, pois, poliglota, sabendo contar francos, recebendo muitos, vivendo numa atmosfera de dinheiro francês, acostumada a trocos, apesar de se declarar *sem real*, nos pode também trocar mais isto por miudos:

*Pile et face* (cruzes e cunhos) é um jogo rudimentar de moedas—dos tempos em que as havia—deitadas ao ar a acertar qual dos lados ficará de cima ao cair. Na peça de Vermeuil são também atirados ao ar, á parisiense, sentimentos e sensações e esse jogo de curiosos lances formam um todo, como as cartas dum baralho, no sentido em que foi intitulada a peça. Como se podem pôr algumas fóra? Não será isto *triche*, como fez o espanhol, e não traduziremos para trapacear, visto o jogo ser proibido no país.

A peça *Idílio num quinto andar*, caindo, não se lhe distinguiram as figuras, e por isso não se lhe viu bem qual dos lados ficou de cima. Não ditemos que fossem chatas, mas sim invisíveis. Só atirando outra vez ao ar com engenho e arte a *Pile et face*.

## Sarcel dos Baixos.

# BARONEZA NORSKA ROUSKAYA



Atitudes e expressões da grande bailarina russa que se estreia no proximo sabado, no Teatro de S. Carlos

## ANEDOTAS E DITOS DO humorista espanhol Luiz Estezo

—Caçaste algum urso?

—Não, mas segui as pegadas dum durante algumas horas.

—Como abandonaste a pista?

—Percebi que as pegadas eram cada vez mais recentes.

\* \* \*

—Que queres que te ofereça?

—Qualquer coisa para o pescoço.  
(Ela esperava um collar de perolas e ele comprou-lhe um sabonete).

\* \* \*

—Aqui na Penitenciaria todos trabalham. Qual é o seu officio?

—Aviador.

\* \* \*

Raras vezes os filhos se parecem aos pais:

O politico Maura tem um filho autor dramatico, o pintor Romero de Torres tem um filho toureiro e meu tio, que é sapateiro, tem um filho que não é dele.

\* \* \*

—Sabem em que se parece eu em que se distingue o canto do canario e um tiro de pistola? Se não sabem perguntem, pois seria desagradavel que fossem comprar um canario e lhes dessem um tiro.

\* \* \*

Um antropófago que comer o pai e a mãe é um verdadeiro orfão. E se comer toda a familia, herdeira universal.

\* \* \*

Um medico ao doente a quem fez cinco visitas.

—Quando me paga as visitas que me deve?

—Passarei cinco vezes por sua casa, assim manda a corteza.

\* \* \*

—Quem se deita sem ceiar é porque que.

—E se eu não tiver que ceiar?

—Não se deite.

\* \* \*

O amor maternal supera o paternal. Quantas vezes nascem os filhos estando os pais na rua, em troca não ha um unico caso de nascerem sem que as mães estejam presentes no tocante momento.

\* \* \*

—Ha oito dias que não como, meu benfeitor!

—Faz mal, porque acabará por estragar o estomago.

\* \* \*

—Esse corcunda é o teu futuro marido?

—E'.

—Pois tens um futuro imperfeito.

\* \* \*

—Como está cá em baixo nas cadeiras com bilhetes de varandas, que são lá de cima?

—Cai das varandas.

\* \* \*

—Abre a porta, mulher.

—Não porque receio que venhas bebado?

—Não venho, trouxeram-me.

Pela tradução,

Perez-Lachaise



## HAJA PROGRESSO!...

Um consciencioso grupo de organizadores conscienciosos pôs de pé, no sabado passado, um *lusco-fusco* de box, cujo unico fim era o de arranjar uma vitoria a Cruz Coelho—o *Camarão da Moita*. Com uma boa vontade que só merece elogios, e removendo pesados obstaculos, conseguiram a cooperação bastante obsequiosa do francês Nilles—donde a primeira vitoria da serie que ha de preparar o grande publico para o *fornidavel* combate Santa-Coelho.

Nilles fez, indiscutivelmente, uma exhibição brilhante. Acabando com a velharia das demonstrações de esgrima de punho, o francês deu uma lição completa e muito bem acabada da: — *Forma por que se perde um combate*.

Os que, concededores do valor dos dois *boxeurs*, esperavam ter *coelho em sangue*—ficaram a chuchar no dedo.

Os patriotas do murro tambem não ficaram de melhor partido. Porque o *Camarão da Moita*, a respeito de *box*:—moita!

\* \* \*

O campo das Amoreiras deu-nos no domingo a novidade da ausencia completa de Guarda Republicana. Só havia policia, muita policia, com muitissimos chefes.

Já no dia anterior havia sido notada, no Coliseu, a super-abundancia de policia chefes e não chefes.

A explicação destes fenomenos foi-nos dada ontem—e hoje a repetimos aos leitores, em primeira mão.

O comandante Ferreira do Amaral, cuja desportividade despertou com a regulamentação automobilista, procura desenvolver entre os seus subordinados o gosto pelas proezas atleticas. Está já formado um *onze* de *foot-ball* da P. C., tendo sido ontem pedida ao Sporting a cedencia dum dos seus *teams* para treinos.

O pedido, que foi feito verbalmente pelo proprio comandante, colocou os dirigentes do clube do Campo Grande em sérios embaraços.

Porque, ao que consta, no caso do *team* policial perder, os adversarios serão obrigados a um estagio de repouso nos calabouços do Governo Civil.

\* \* \*

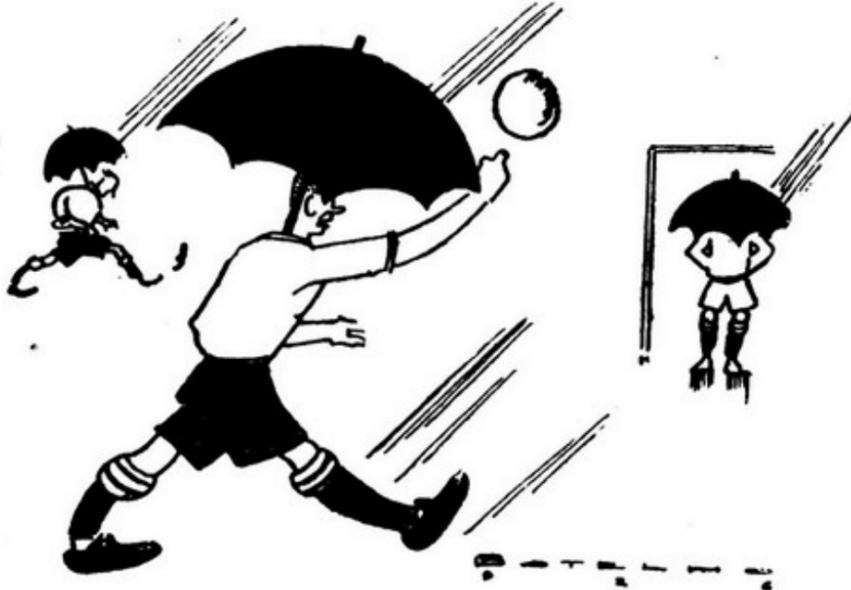
Charada a premio:

Quem será o cotado *international* de *foot-ball* que, pelas suas constantes e magistraes *estocadas* nos coites do clube, é apelidado por um seu antigo companheiro de *equipe* com o cognome de:—*El espada Labrida!*

\* \* \*

Segundo noticia officia publicada em *Os Sports*, Salazar Carreira e Rui da Cunha estão organizando um *Abarratory Club* desportivo. Os seus membros reunir-se-hão periodicamente num pantagruelico jantar, devendo nas alturas dos licores versar, em zig-zag, problemas de desporto.

Os organizadores já endereçaram convite a: Felix Bermudes, Veiga Pinto, Julio de Araujo e Candido de



**Aos jogadores de foot-ball vai ser permitido, em campo, o uso da malva. Estão inhibidos desta regalia os Casapianos, Bemffiquistas e Sportinguistas, por estarem a pedir muita chuva.**

Oliveira, esperando-se que sejam tambem convidados: Ryder da Costa, Antonio Soares e Mario Sant'Ana.

Por involuntaria indiscrição, foi-nos possivel saber que, no *menu* do primeiro banquete serão servidos, entre varios, os seguintes pratos:

*Sopa de espinhos.*

*Pescada au gratin* (fornecida, por muita deferencia, pela Sociedade Commercial de Pesca).

*Entrada—de leão à la vinaigrette, Espurregado de Setas Desportivas, Peró corado—à Montefar.*

São tambem já por nós conhecidos alguns dos temas que nessa primeira reunião vão ser versados pelos illustres membros e conferentes. E-los:

Salazar Carreira — *A delicadeza e as boas maneiras no desporto.*

Rui da Cunha — *O Sporting, o Candido de Oliveira, os Sports, o Ju-*

lio de Araujo, os *Sports Illustrados*, os organizadores de *box*, os *dissidentes*, o Ryder da Costa, a Comissão Administrativa, etc., etc. (*Problema de palavras cruzadas*)

Julio de Araujo — *O romance das yerbas não documentadas (Elementos para a historia do S. C. P.).*

Felix Bermudes — *Henry Pelissier e eu.*

Candido de Oliveira — *As Setas nunca existiram!*

Veiga Pinto, com o seu habitual bom senso, não dirá nada—e limitar-se-ha a pagar...

\* \* \*

Se o mal de uns curasse o dos outros, seria uma consolação saber que tambem em Inglaterra—perdão! na Irlanda—ha maus *sportsmen*.

No sabado passado, durante um desafio de *foot-ball* jogado em Belfast, algumas alterações entre *supporters* exaltados degeneraram numa verdadeira batalha em regra, durante a qual diversos projecteis, como pedras, tijolos e garrafas, serviram de munições de guerra.

Um dos beligerantes serviu-se, até, duma chave inglesa, com tal valentia, que deixou estendidos dois jogadores, que foram de ser transportados ao hospital.

No final, a policia conseguiu assenhorear-se do terreno, mas não sem grandes dificuldades—e sem que o *match*, que serviu de pretexto ás hostilidades, pudesse terminar.

Em resumo:—uma tarde encantadora!

\* \* \*

A Liga Portuguesa dos Amadores de Natação continua na maré baixa...

O abandono, iniciado pelo *Aigés e Difundo*, fez escola—e os clubes que desejam sair da Liga já formam bicha.

A ultima noticia anuncia a proxima saída dos clubes do Porto, em massa!

Vem a proposito uma historia.

Um antiquario tinha numa vitrina cinco *estatuetas-mamarrachos*, de madeira esculpida e de sexo indeterminado. Um letreiro de cartão reunia-as sob o titulo:—*Os Cinco Scottidos*.

Um *maduro* fez a aquisição de uma delas, e as outras passaram a chamar-se:—*Os Quatro Apostolos*.

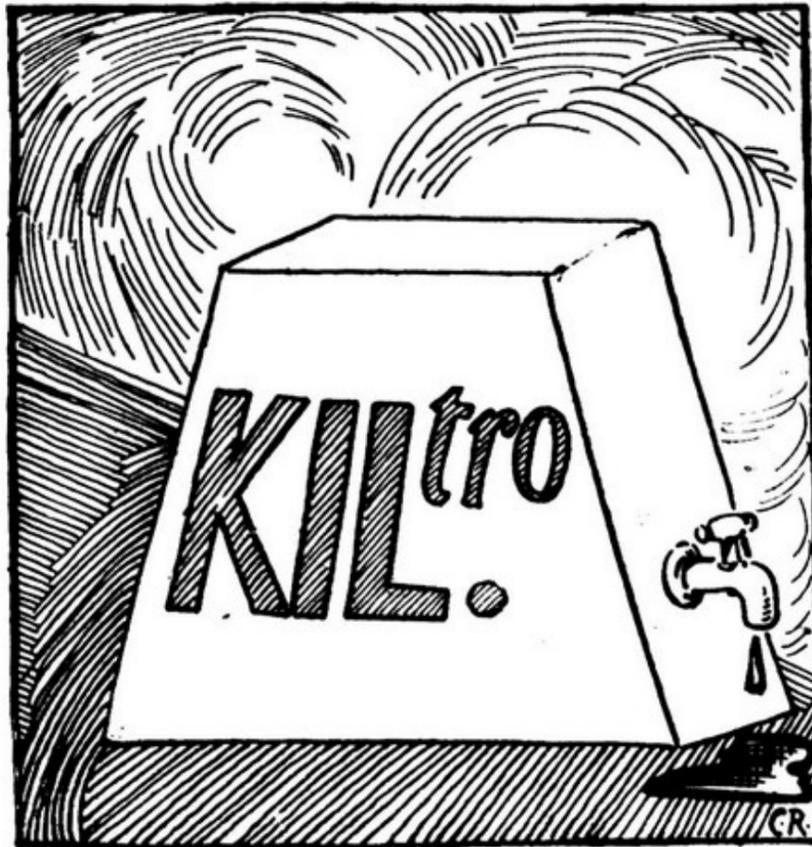
Uma segunda estatueta encontrou tambem amador. As restantes foram etiquetadas:—*Is Três Graças*.

Depois ficaram só duas, que passaram a ser:—*Adão e Eva*.

E quando a *Eva* seguiu o caminho das três desaparecidas, o antiquario não hesitou. Pegou na ultima que lhe restava e colocou-lhe um novo distinctivo:—*Solidão*.

Pois segundo este esplendido sistema, ainda esperamos ver a Liga Portuguesa dos Amadores de Natação transformada em Liga Solitaria de Mamel Ryder da Costa...

## A Corrida do...



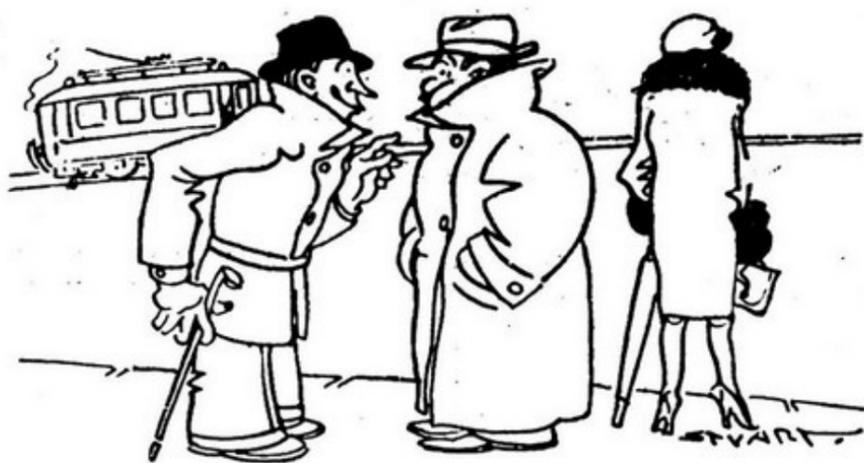
Kilolitro «desarrincado»

Rebola-A-Bola.

**A tomada da Catalunha**

--- Tem a certeza que apreenderam todo o armamento aos conspiradores?

--- Sim senhor. Duas espingardas de carregar pela boca e dois canivetes ferrugentos.

**Cura radical**

--- Tenho uma dôr de dentes horrivel!

--- Isso não é nada. Quando tenho uma dôr de dentes, vou a casa, dou um beijo na minha mulher. Passa-me logo...

--- Olha lá! Tua mulher estará em casa?...

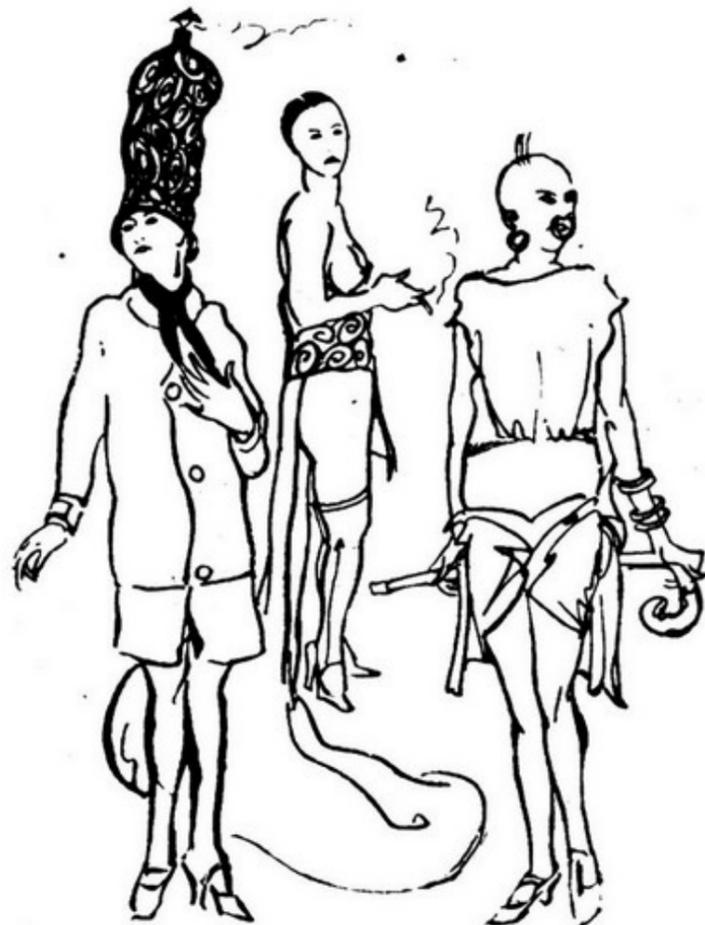


--- Então é esta a traquinas da sua filha?

--- Sim, sr. Duce, mas nasceu enfezadinha...

--- Porque não lhe dá o meu xarope fortificante?

--- Deus me livre. Já tomou uma xaropada dessas em 1918 e ia morrendo!



O «Sempre Fixe» oferece às suas oxigenadas leitoras, qualquer que seja a sua idade, estes «specimens» de indumentaria, botocuda, confeccionados por madame Papuazi, com atelier na rua das Pretas... No sitio vende-se «aigrettes» de rabo de macaco, plumas de rabo de cão, e «paradis» á pai Adão.



Já cue vais á modista, vê lá não fique o vestido muito curto e a combinação que seja côr de rosa. Eu telefonarei.

--- Depressa. «chauffeur», rua X, n.º 100. Uma boa gorgeta se chegar lá em dez minutos.

--- E's tu, filhinho?... Não podes calcular. O vestido está uma luva. Parece que nasci com ele... Agora a combinação é que só encontrei preta...